

IMIGRANTES EM REDE NA FRONTEIRA: O CASO DE COMERCIANTES BOLIVIANAS EM CORUMBÁ, MS, BRASIL

Immigrants in Network at the Border: the Case of Women Bolivian Traders
in Corumbá, MS, Brazil

Jéssica Canavarro OLIVEIRA*

Milton MARIANI**

Marco Aurélio Machado de OLIVEIRA***

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar a existência de rede de solidariedade entre comerciantes imigrantes bolivianas em região de fronteira. Para tanto, o local de estudo é a cidade de Corumbá, MS. A metodologia constituiu, inicialmente, em uma revisão da bibliografia acerca do tema, buscando compreender como são construídas as dinâmicas trazidas pelas imigrantes e as impostas pela sociedade receptora em região de fronteira. Ainda, foram realizadas entrevistas e abordagens com comerciantes lojistas de origem boliviana no Bairro Popular Nova, naquela cidade, buscando identificar tais redes.

Palavras-chave: Fronteira; Imigrantes; Mulheres comerciantes; Redes de solidariedade.

Abstract: This article aims to identify the existence of a network of solidarity among Bolivian immigrant traders in the frontier region. For that, the place of study is the city of Corumbá, MS. The methodology was initially a review of the bibliography about the theme, trying to understand how are built the dynamics brought by immigrants and those imposed by the receiving society in border region. In addition, interviews and approaches were carried out with shopkeepers of Bolivian origin in

Introdução

Este artigo é fruto de pesquisa em andamento, realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Fronteiriços (MEF), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O objetivo, nesta etapa dos estudos, consiste em identificar a existência de rede de solidariedade entre comerciantes imigrantes bolivianas em região de fronteira, sendo local de estudo a cidade de Corumbá, MS, Brasil. Isso se fundamenta a partir do momento em que diversos estudos tornam evidentes que os imigrantes, em sua imensa maioria, imergem em redes que visam, principalmente, lhes dar segurança em todo processo migratório internacional.

O centro desta pesquisa está nas mulheres comerciantes lojistas naquela cidade, por compreender que elas exer-

* Licenciada em História, Mestranda em Estudos Fronteiriços/UFMS, e-mail: jessicaoliveira.hist@gmail.com

** Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, Docente do Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e-mail: miltmari@terra.com.br

*** Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Docente do Mestrado em Estudos Fronteiriços, e-mail: marco.cpan@gmail.com

Bairro Popular Nova, in that city, seeking to identify such networks.

Keywords: Borders. Immigrants. Women Traders. Solidarity network.



cem papel de destaque nas atividades comerciais naquela região (SOKEN, 2016). Elas são muito mais visíveis dos que os homens nas feiras livres (FERREIRA, 2015) e nas pequenas lojas esparramadas pela cidade. Embora não tenha sido possível acessar estudos sobre o volume que representa a imigração boliviana em Corumbá, bem como suas origens e formas diferenciadas de sociabilidade, é evidente o destaque que ela possui.

A metodologia constituiu, inicialmente, em uma revisão da bibliografia acerca do tema, buscando compreender como as dinâmicas trazidas pelas imigrantes e as impostas pela sociedade receptora em região de fronteira se entrelaçam. É relevante qualificar esse espaço, tendo como ponto de partida as atividades e usos que elas fazem, em especial, nas práticas comerciais. Da mesma forma, os caminhos traçados foram no sentido de entender como tal imigração possui diferentes formas de se encarada pelas nações, em especial no continente sul-americano, incluindo o Brasil.

A respeito da presença imigrante na cidade de Corumbá, é muito importante observar como as mídias locais expressam tal fenômeno, evidentemente, associado à condição fronteiriça que ela possui. Com esses preparos foi possível ir a campo e realizar algumas entrevistas e abordagens com comerciantes lojistas de origem boliviana no Bairro Popular Nova, naquela cidade. A escolha das entrevistadas ocorreu a

partir da identificação de pertencimento a redes de imigrantes bolivianas, com a condição de que fossem maiores de idade.

Esta é uma pesquisa qualitativa e participativa. Um dos principais problemas enfrentados no correr de uma pesquisa qualitativa está na posição que o pesquisador ocupa perante o espaço social em que se insere. Isso porque o conflito entre a fala e a prática social é transversal e concomitante à pesquisa qualitativa, que, em alguns casos, limita-se ao material discursivo (MINAYO; SANCHEZ, 1993, p. 246). O imigrante é, em essência, um emigrante (SAYAD, 1998), ou seja, antes de sua imersão em uma nova sociedade emergiu de outra. Isso não se trata apenas de um reconhecimento da trajetória desse sujeito, o que já é uma importante etapa a ser cumprida nos preparos metodológicos. Mas, isso significa, sobretudo, compreender as estratégias, ou ausências delas, que esse personagem constrói uma vez que está submetido a processo de sociabilizações e lidas com autoridades cotidianamente, visando sua sobrevivência. Desta forma, uma pesquisa qualitativa sobre imigrantes exige do investigador um mergulho na realidade social a que o sujeito da pesquisa está inserido.

A estrutura deste artigo compreende em primeiro lugar em uma qualificação do espaço onde o imigrante vive. Busca-se, portanto, a verificação de distinções existentes no ambiente fronteiriço como forma de entender as vicissitudes às quais este sujeito está submetido. Na segunda parte, buscou-se realizar uma conceituação de redes aplicadas ao fenômeno da imigração, visando apreender as formas como se articulam. No terceiro momento, apresenta-se o local da pesquisa, bem como resultados da coleta de campo junto às comerciantes bolivianas em Corumbá, MS.

Fronteira e Imigrante: qualificações espaciais

Neste artigo busca-se a junção temática entre fronteira e imigrante, contudo, carregada pela prática comercial. Analisar o espaço em que esse sujeito da pesquisa vive, inclui a relevância do comércio naquela região. Desta forma, em tempos de paz pode se afirmar que o comércio seja o elemento central no estabelecimento de dinâmicas tipicamente fronteiriças. Isto porque, as rotas e interesses na sua prática incluem a fronteira de maneira muito peculiar, quando comparado ao restante do território, uma vez que as conexões, estratégias de circulação, formas de relacionar-se com as autoridades estatais são bastante diferenciadas naquela região (LESSER; MOISÉ-LEEMAN, 2009), bem como as estruturas urbanas para esse fim (BECKER, 1993). Ainda, é a partir do comércio, em seus formatos legais ou ilegais, que se constroem todos os discursos sobre essa região, que vão das

mais altas esferas governamentais até os seus cidadãos. Nesta região, o comércio adquire visibilidades nas quais se denotam discursos sobre legal/ilegal ou formal/informal de forma muito acentuada (COSTA, 2013), ou seja, o comércio em região de fronteira suscita debates sobre níveis de permissividade e os graus de eficiência das autoridades estatais.

Da mesma forma, a fronteira estatal é palco de um dos mais volumosos fenômenos demográficos da humanidade: o movimento migratório internacional. Isso, porque, para que esse movimento se efetive é necessário que a fronteira enquanto instância possa ser superada. Diversos estudos apontam para esse fenômeno como sendo dos mais amplos processos sociais, econômicos e políticos na atualidade (QUIROZ, 2014). Tal processo atinge o continente sul-americano e, da mesma maneira como ocorre com as fronteiras, impõe aos respectivos países e blocos (MERCOSUL e PACTO ANDINO) diferentes formas de regulamentá-lo (ARTOLA, 2014). A busca por ter controle sobre o processo imigratório passou a ser pauta constante nas esferas mais elevadas das políticas das nações.

Da mesma maneira que outros países, no Brasil a presença imigrante desde muito tempo tem se constituído como um enorme desafio para as autoridades estatais (OLIVEIRA; TRINDADE, 2007). Suas iniciativas para enfrentar tal presença foram desde tentativas de caldeamento da população imigrante com a nacional nos anos 1930 e 1940 (SEYFERTH, 1997), até a criação da Lei 6.815/1980, que inseriu a imigração na pauta da Segurança Nacional no Regime Militar. Contudo, além dos aspectos jurídicos, as camadas sociais dominantes criaram ideias a respeito dos imigrantes, na qual se busca respeitar as ordens das nações no conjunto imigratório, ou seja, a origem do imigrante determinará os níveis de aceitação, tanto pelas autoridades quanto pela população que o recebe.

Os estudos acadêmicos no Brasil sobre a região de fronteira, conjugada à categoria imigrante, passaram a ser mais avolumados a partir dos anos 2000, quando alguns intelectuais buscaram compreender diversos diferenciais em suas estratégias quando comparados a outras regiões do país. Exemplo disso está nas seguintes temáticas: sobre palestinos no Rio Grande do Sul (JARDIM, 2003); as maneiras como os brasileiros manipulam as fronteiras para estabelecer suas correntes emigratórias em direção ao Paraguai (SOUCHAUD, 2002); e, os pioneiros sírios e libaneses no sul do antigo Mato Grosso (OLIVEIRA, 2001).

Os estudos sobre os imigrantes alargaram-se muito, tanto no Brasil quanto em outros países. Passou-se a verificar, por exemplo, algumas tipologias da imigração que ocorrem, com maior frequência na região de fronteira. Tratamos aqui dos seguintes tipos: os imigrantes que se utilizam da fronteira como instância de autorização para ingresso no território, sendo que seu destino final é outra

localidade que não aquela de fronteira, a esses denominamos de “imigrantes de passagem”; aqueles que vivem nas cidades de fronteira, que chamamos de “permanentes”; e os “pendulares”, um tipo muito relevante na categoria imigrante, estabelecido pela proximidade geográfica que a fronteira propicia, desta maneira, vivendo em um país e trabalhando em outro rotineiramente.

A imigração é um fato social completo, e a mesma só pode ser efetivada a partir de deslocamentos no espaço físico. Ainda, que tal deslocamento não ocorre apenas no ambiente físico sendo também em um espaço qualificado em diversos significados, como nas relações econômicas, sociais, políticas e culturais, neste aspecto, sobretudo através de duas “realizações culturais que são a língua e a religião” (SAYAD, 1998, p. 15). Desta maneira, os estudos sobre imigrações podem ser ampliados a partir da inserção da categoria fronteira como elemento muito relevante. Isso porque é entendido esse espaço como instância, na qual diversas deliberações, oficiais ou não, ocorrem no processo imigratório.

Destarte, uma das formas de qualificar o espaço que o imigrante constrói no seu local de destino é observando que limites e fronteiras não são, necessariamente, sinônimos. Ou seja, limite é unidade territorial do espaço físico, da organização social, implica a submissão imposta pelo Estado. Regulador das relações estatais, das leis, do intercâmbio, da legalidade/ilegalidade, mas, deve-se destacar que o Estado não dá conta de ser plenamente o legitimador delas. O limite é a linha imaginária que divide nações, portanto, é precursor nas ações dos integrantes do Estado (MACHADO, 2002). Enquanto que, a fronteira é formada pelas relações sociais, de conflitos, trocas, atingindo o lugar que é além do poder do Estado limite, por mais controlador que seja. É o espaço vivo, onde a dinâmica incorpora “mentes e corpos” (MACHADO, 2002). Trata-se de suas vicissitudes e arranjos sociais que lhe dão muito destaque, e por ser borda está conjugada com as condições e contradições do imigrante naquela região (OLIVEIRA; CAMPOS, 2012, p. 17).

Também é importante compreender as atividades que o imigrante desenvolve, bem como os desdobramentos que sua presença proporciona. Para tanto, o ponto de partida pode estar as formas como são elaboradas maneiras de proporcionar estabilidade de suas vidas no local de destino. Diversos são os estudos que apontam geografias e tipologias da imigração, e muitos deles indicam que não apenas os fatores econômicos motivam o movimento, mas, outros também, como os vínculos afetivos e conjugais (ALVIN; TOGNI, 2010, p. 02), ou seja, a imigração é, em sua maior parte, um projeto familiar, que designa diversas expressões que se manifestam desde os meios de conviver com os naturais do outro país até as soluções encontradas para sua sobrevivência.

No tocante à região de fronteira, é importante observar que a proximidade com o limite, ou seja, com o controle estatal, cria a expectativa, quase sempre negativa, de vigilância sobre esse grupo social (EGHAREVBA, 2004). Associando isso à prática do comércio, notadamente informal, podemos observar que tal expectativa se estende às suas mercadorias e seus estabelecimentos (LESSER; MOISÉ-LEEMAN, 2009). Uma das respostas que esse grupo social encontrou foi a construção de redes de solidariedade.

Imigrantes em rede

A existência de redes entre os imigrantes tem sido objeto de diversos estudos que apontam para uma espécie de encadeamento que vai desde relações familiares até as que envolvem ilícitos e aliciamento (MACHADO, 2005). Para Tilly (1990), as redes imigratórias têm como efeito real unidades efetivas, que não são individuais nem domiciliares, mas, sim, conjuntos de ligações estabelecidas por vínculos de amizade, família e experiência de trabalho. Ainda, são esses conjuntos que tornam possível a incorporação do país de destino como alternativa de mobilidade. Há estudos que indicam a transnacionalização como campo analítico para compreender a imigração (Glick-Schiller; Basch; Blanc-Szanton, 1995). Contudo, essa inclinação aos estudos imigratórios pode levar a equívocos, uma vez que para essas autoras o termo migração implica em ruptura e abandono de velhos padrões culturais. Tal deslocamento não significa a perda de contatos com o país de origem, ao contrário, eles são rotineiros com diversas funções e intenções, e, entre elas a manutenção da rede é muito importante (SASAKI; ASSIS, 2000).

Desta forma, em se tratando de imigrantes, o uso da expressão rede busca enfatizar as circunstâncias que levaram muitos a emigrar, muitas vezes através de informações quanto às perspectivas no país de destino (TRUZZI, 2008, p. 203). É notável nos movimentos migratórios que o contato com o país de destino facilitaria seu deslocamento, e isso poderia ocorrer através de relações com parentes, amigos ou conhecidos que buscavam convencer o potencial emigrante a se deslocar (TRUZZI, 2008, p. 203).

Em influente artigo, Machado (2005) assinala a importância de observar que as regiões de fronteira guardam assimetrias relevantes também no tocante ao fenômeno imigratório. E, neste aspecto, os estabelecimentos de redes também são envolvidos por tais assimetrias, porém com certa autonomia visto que ao interligarem tais países vizinhos não alteram de maneira significativa os rumos das cidades daquelas regiões (Idem, p. 66). A presença de imigrantes em região de fronteira implica em complexidades adicionais ao tema abordado, uma vez

que as suas unidades conectam-se com o país de origem, mas, também, no país de destino, envolvendo novos grupos de parentescos, amizades e confianças recíprocas, como, por exemplo, em Corumbá, MS (SOUCHAUD; BAENINGER, 2008).

Lócus da Pesquisa: Corumbá, MS, Brasil

Corumbá, cidade localizada na fronteira Brasil-Bolívia, em Mato Grosso do Sul, possui diversas peculiaridades, algumas próprias das regiões de fronteira, que a torna uma localidade privilegiada. Por fazer parte da Bacia Platina, após a Guerra do Paraguai (1864-1870), tornou-se importante centro atrativo de estrangeiros. Para lá se deslocaram imigrantes de diversas nacionalidades, como: italianos, portugueses, espanhóis, franceses, sírios, libaneses entre outras (OLIVEIRA, 2006, pp. 349-358). Desse processo, são notáveis diversos vestígios esparramados pelo casario do porto, prédios do centro da cidade, cemitério, calçadas, etc. Após a acomodação desses imigrantes na cidade e a consequente ascensão social de parte considerável deles, a partir dos anos 1950 Corumbá experimentou um ciclo de desenvolvimento econômico impressionante, com a instalação de diversas indústrias, cujos proprietários eram, predominantemente, imigrantes.

Ainda a partir da segunda metade do século XX, com o dinamismo trazido pela construção da ferrovia em direção à Santa Cruz de La Sierra, Bolívia, intensificou-se a construção de relações com os vizinhos bolivianos (OLIVEIRA, 1998). Conforme foi possível observar em levantamento prévio junto a diversos desses imigrantes, muitos vieram daquele país para trabalhar nas obras da ferrovia, mas, também, para ocupar-se em outras tarefas no comércio, serviços e construção civil. Esta nova fase da história das correntes imigratórias em direção a Corumbá trouxe diversas consequências como, por exemplo, o matrimônio com aqueles que ali já habitavam (SILVA, 2009).

Em meados dos anos 1950, começaram a chegar a Corumbá diversos imigrantes de origem palestina. Trata-se de uma nova corrente imigratória, desta vez instalada a partir da ocupação de sua terra natal por Israel em 1948 (OLIVEIRA, 2004, pp. 189-203). O comércio, prática dominante entre os imigrantes vindos do Oriente Médio, passou a ganhar novo dinamismo a partir da chegada dos palestinos, uma vez que os segmentos mais tradicionais do comércio local não demonstravam interesses em desenvolver proximidades com os vizinhos bolivianos (OLIVEIRA, 1998).

Com esse breve histórico, é possível notar que a cidade de Corumbá foi construída, em grande parte, por imigrantes. A fronteira em estudo oportunizou a inserção considerável desse grupo social, incluindo os bolivianos. Há estudos

que indicam que este grupo de imigrantes passou a destacar sua presença no comércio a partir do final dos anos 1950, especialmente nas feiras livres da cidade (ESPÍRITO SANTO, 2015). É sabido o quanto o comércio dinamiza a sociedade (WEBER, 1968, 280-322) e sua importância quando da incorporação de segmentos novos, como os imigrantes, por exemplo. Porém, ainda é pouco estudado o comércio como categoria de análise capaz de acentuar sociabilidades de imigrantes em região de fronteira.

Imigrantes bolivianas em rede

A cidade de Corumbá está ladeada no território brasileiro por Ladário e, no boliviano, por Puerto Quijarro e Puerto Suarez. Esta complexa conurbação possui, aproximadamente, 170 mil habitantes, sendo que esta cidade exerce função central nas relações econômicas e nos fluxos migratórios ali estabelecidos, além de, oficialmente, ser considerada cidade gêmea a Puerto Quijarro. Tais cidades constroem o fluxo fronteiro, onde a permissividade da região, contraditoriamente, realça os poderes do limite, da faixa e da zona de fronteira. Uma das maiores riquezas que esses espaços possuem está no fato de que ao construir mais do que relação comercial ou lucrativa, elabora-se a construção da vivência na fronteira. Nisso estão incluídos direitos, deveres, trabalho, etc., assim esta singular e plural região fronteiriça cria os laços próprios de suas sociedades. Ao contrário disso, os limites internacionais demonstram muito mais gritantes os aspectos de cada civilização, nacionalidade, pertencimento, em razão de seu sentido separador.

Esta pesquisa foi aplicada em Corumbá, mais precisamente no bairro Popular Nova. Este local foi escolhido por haver concentração expressiva de pequenas comerciantes varejistas de origem boliviana. O bairro Popular Nova localiza-se na chamada “parte alta” de Corumbá, que cumpre função de conexão e ligação entre o seu centro e os bairros de sua zona sul. Nesta região encontra-se grande fluxo de pessoas, além de diversas pequenas lojas de variedades e preços populares, salões de beleza, escolas, pequenos restaurantes, igrejas, borracharia, consultório odontológico e residências. Portanto, local privilegiado para a movimentação social e comercial da cidade. Ainda, por ali existir uma filial de rede de supermercados conhecida na cidade, torna mais fácil a muitos moradores de outros lugares próximos usufruírem não somente dos produtos e preços deste estabelecimento, mas do comércio que se estende pelas ruas próximas.

Ali é importante, também, pelo fato deste bairro conter um número relevante de migrantes bolivianas, notadamente comerciantes microempresárias, instaladas, grande parte das vezes, em pequenas garagens alugadas ou nas casas que residem

e também trabalham. Nesses locais são comercializados diversos produtos entre alimentos industrializados, frutas e verduras, materiais de limpeza e roupas, principal produto comercializado. Muitas das abordagens demonstraram que possuem famílias, inclusive com filhos brasileiros.

No correr desta pesquisa, por diversas vezes, foram realizadas visitas e observações no bairro Popular Nova. Também foram feitas abordagens com diversas pessoas como trabalhadores, comerciantes, donos de pequenos estabelecimentos alugados por moradores ou outros proprietários e pessoas frequentadoras desses pequenos comércios. Nessas abordagens com cidadãos foi possível perceber que o comércio exercido por bolivianos em Corumbá produz impactos em parte de sua população. Isso porque, com forte reforço midiático, há queixas de sua presença, uma vez que suas atividades seriam informais e que não gerariam tributos. Tal visão é reforçada pela acusação de que esses comerciantes, incluindo os imigrantes, estariam oferecendo além de produtos facilmente visíveis, outros de origens do tráfico de armas e drogas. De maneira rotineira, isso está nas páginas de jornais da cidade, reproduzido em muitos discursos capturados nas abordagens. Exemplo é o destaque dado por um diário de circulação local que afirma em primeira página ser exemplar o fechamento da Feira BRASBOL ou:

A chamada Feirinha que funcionou por muito tempo atrás do cemitério Santa Cruz, imobilizando e atravancando o comércio legalizado, prejudicando os munícipes com a diminuição da oferta de empregos, gerando empecilhos, enriquecendo os chefões do comércio clandestino e até alguns brasileiros que fugiram do que é legal, engordando também o ilegal, se estabelecendo na Feira BRASBOL. E todos sabiam da venda ilícita naquele local, de armas, munições, drogas e de outros produtos contrabandeados do vizinho país, mas, faziam vistas grossas deixando correr solta a ilegalidade. (Grifo do Editor) (Correio de Corumbá, 2014, p. 01)

É importante destacar que o preconceito e a solidariedade se reafirmam em discursos e práticas potencializadas pela fronteira e pela presença do imigrante. Interessante observar que os marcos limítrofes não conseguem dar conta de circunscrever as relações construídas inerentes àquela região. Isso porque a cultura e a política, e por extensão a economia, transgridem os limites impostos criando parâmetros próprios de convivência expressos pelo preconceito e pela solidariedade (OLIVEIRA; RAMALHO JUNIOR, 2010).

No decorrer desta pesquisa foi possível observar as relações de poder, ordem, fiscalização e repressão, com que vivem essas pessoas, retratando outros olhares sobre a fronteira vivenciada. Neste sentido, é importante notar que a condição de imigrante de bolivianas não as coloca no mesmo nível de outras nacionalidades, uma vez que elas estão imersas em posição subalternas, por fazerem parte de grupos diferenciados no âmbito das chamadas sociedades globais (CARDOSO DE OLIVEI-

RA, 2005). Isso faz com que as formas como as autoridades atuam no combate ao ilícito sejam diferenciadas quando ocorre com esse grupo em específico. E, se existe tal visão estereotipada de comércio exercido por bolivianos, por um lado, por outro percebemos que há aproximações motivadas, principalmente, pela mercadoria, mas, também, sustentada pelos contatos e cercanias que o comércio propicia.

Uma das faces mais duras enfrentadas pelos imigrantes é a de sua ocupação na sociedade receptora. Esses, em sua imensa maioria, incluindo as mulheres, são destinados a atividades que exigem baixo nível de qualificação. Notadamente, estão alocados em trabalhos como: serventes de pedreiro, domésticas, lavadeiras, etc. (TECHIO, 2016). Desta forma, o comércio aparece como atividade econômica muito relevante por propiciar níveis de autonomies ao imigrante que, talvez, nenhuma outra atividade proporcione. Tratam-se aqui das sociabilidades, estratégias de venda de suas mercadorias e conectividades através de redes de solidariedade.

Ainda é muito impreciso o período em que as bolivianas começaram a atuar de maneira mais volumosa no comércio na fronteira em estudo. A hipótese da pesquisa que está em andamento é de que esses movimentos estariam ligados à inserção daquele país, a exemplo do que aconteceu de maneira mais vigorosa no Paraguai, nas redes de comércio internacional de produtos oriundos da Ásia, especialmente da China e do Japão. De acordo com Albuquerque (2010, p. 67) isso teria ocorrido no início dos anos 1980, quando as fronteiras, especialmente as com o Brasil, passaram a ser palco de intensas comercializações e, por consequência, correntes migratórias internas naqueles países. A inserção de mulheres no comércio impôs a Corumbá ao menos três elementos que redimensionaram suas dinâmicas sociais e econômicas: reconfiguração das moedas de troca, através da vigorosa incorporação do Dólar Americano nas transações locais; aumento da diversidade e do volume de mercadorias trazidas pelas vias do Pacífico; e, o significativo aumento populacional. Este último pode ser mais bem verificado nos dados no Instituto Nacional de Estadísticas (INE) da Bolívia, em que apresenta um aumento de mais de 200% dos moradores de Puerto Suarez e Puerto Quijarro entre o Censo de 1972 e o de 1991.

A metodologia aplicada nas entrevistas assentou-se no cuidado com os riscos inerentes à coleta de história de vida, uma vez que o enredo narrado pode omitir partes significativas para a compreensão daquilo que queremos capturar. Mais, ainda, os acontecimentos biográficos são colocações e deslocamentos no espaço social, o que coloca o pesquisador na posição de buscar entender uma trajetória vida não apenas pelo sujeito em si, mas, sim, sobretudo, através da reconstrução de espaços e conjuntos de agentes em que esteve relacionado (BOURDIEU, 2001, p. 190). Este cuidado permitiu enxergar o sujeito da pesquisa como pertencente à *superfície social*, ou a capacidade de existir em diversos campos (BOURDIEU, 2001).

Como esta pesquisa se encontra inconclusa, nesta parte do artigo serão apresentadas duas imigrantes que atuam no Bairro delimitado e que trazem duas realidades que serão exploradas no correr deste estudo, a saber: a existência de redes e a pendularidade na imigração em região de fronteira. Isso, não apenas pelo fato de que são poucos os estudos sobre esses temas, mas, sim, sobretudo, porque se entende que sejam colaboradores diretos da condição do imigrante em região de fronteira.

O primeiro sujeito da pesquisa é D. U., 53 anos, comerciante, boliviana, nascida em Puerto Suarez, casada com brasileiro, tendo três filhas, todas nascidas em Corumbá. Possui, além do comércio, salão de beleza, ambos formalizados, e este último foi sua atividade inicial. As origens de suas mercadorias estão divididas em dois grupos: os produtos cosméticos são, na maioria, de origem brasileira; enquanto que as de vestuário são, na totalidade, trazidas da Bolívia.

Segundo essa comerciante, as relações estão predominantemente estabelecidas nas circunvizinhanças, embora atenda clientes de outros bairros. Um fator de atração e fixação de alguns clientes é o crédito, que segundo a mesma é oferecido com base na confiança, o que demanda tempo. De acordo com seu depoimento, seu comércio está formalizado desde o princípio das atividades, cerca de sete anos.

Além do atendimento em sua loja comercial, D. U. também vende nas casas dos fregueses, oferecendo crédito com os mesmos critérios. Afirma não ter sofrido qualquer tipo de penalidade por parte dos órgãos de fiscalização em razão de suas atividades. Considera a vizinhança importante, porém seus maiores ganhos estão na venda a domicílio.

O segundo sujeito da pesquisa é J. A. M. U., 38 anos, nascida em Puerto Suarez, mora em Puerto Quijarro, possui loja em Corumbá, casada com boliviano, não possui filhos. Trata-se de comerciante que exemplifica um tipo de migração comum na cidade: a pendular, uma vez que trabalha durante o dia no Brasil e se dirige para a Bolívia, diariamente, no início da noite. Possui ponto comercial no qual vende, principalmente, roupas e brinquedos. O espaço em que atua é de dimensões modestas, com aproximadamente seis metros quadrados, onde as mercadorias são dispostas organizadamente. Sua clientela é basicamente de vizinhos e transeuntes. J. A. M. U. não informou a procedência de suas mercadorias. Não trabalha com oferecimento de crédito, negociando apenas à vista. Considera que suas atividades são suficientes para sustentá-la. Mesmo não tendo informado o tempo em que atua na localidade, afirmou que as relações de vizinhanças são recentes para que possa avaliar o grau de importância para o seu comércio.

Um dos pontos que mais chamou a atenção, além da apreensão que sentira em ser entrevistada por alguém que poderia estar fiscalizando sua rotina a fim

de apreender suas mercadorias por não obter registro, é a relação familiar. O fato de D. U. ser prima de J. A. M. U., pode indicar a existência de rede de solidariedade. Isso porque D. U. se instalou primeiramente na cidade e depois de ter se consolidado no comércio e nas relações interpessoais, sob seu incentivo, J. A. M. U. também se estabeleceu próximo a ela. Foram-lhe passadas diversas informações como: trato com as autoridades, idioma português, costumes dos brasileiros, transporte e armazenamento de mercadorias e clientela.

De acordo com Benavides (2015, p. 27), embora os estudos contemporâneos tenham ampliado as explicações sobre a imigração, não explicitaram uma análise sobre as mulheres, incorporando-as ao genérico de imigrantes. Em uma dessas interpretações diz respeito às redes sociais, que são fomentadas por laços de parentesco, amizade ou pertencimento aos seus grupos de comunidade, que conectam os migrantes em suas origens e seus destinos. E, este é um dos pontos que a pesquisa em andamento se compromete em aprofundar.

Considerações finais

Os que os estudos sobre imigrações podem ser ampliados a partir da inserção da categoria fronteira como elemento muito importante. Isso porque pode-se entender a fronteira como instância, palco de diversas deliberações, oficiais ou não, que ocorrem no processo migratório. Os resultados preliminares desta pesquisa indicam a existência de redes de imigrantes bolivianas que atuam no comércio em Corumbá, MS. Isto foi perceptível através da vinculação entre duas comerciantes que, além de possuírem grau de parentesco, levou uma delas a se inserir no comércio varejista de roupas no Bairro Popular Nova através de outra que já estava estabelecida ali. Tal conectividade, que ainda necessita ser mais bem apurada, abrangeu noções da língua portuguesa, a apresentação dos seus clientes, forma de se relacionar com autoridades, manejo da mercadoria e formas de sociabilizar com a vizinhança. O fato de tal conexão ser estabelecida entre mulheres necessita ser melhor averiguada, isso porque suscita a questão de gênero como elemento central de suas existências

Seguindo os ensinamentos de Michel Foucher (1991), é notável como, por um lado, o sentido imaginário da fronteira está presente nas falas e comentários da sociedade receptora. Isso é possível ser capturado através do discurso fundamentado na permanente ameaça que a presença imigrante, em especial a boliviana, traz à parcela da sociedade de Corumbá. E, por outro lado, os sentidos real e simbólico estão na ponta das estratégias da imigrante boliviana, especialmente, nas formas como manipulam as mercadorias e se relacionam entre si.

Neste sentido, é muito importante dar relevância aos indícios de existência de redes femininas de imigrantes, uma vez que podem ser consideradas como a construção de elos que requalificariam as relações espaciais e de gênero. Desta forma, destacamos a necessidade de ampliação dessa pesquisa no sentido de identificar os meios com que são estabelecidas tais redes, bem como o papel que cada um de seus membros desempenha. Ainda, compreender as diferenciações das redes femininas de solidariedade com relação às demais redes vinculadas à imigração.

Referências

- ALBUQUERQUE, L. J. *A Dinâmica das Fronteiras: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.
- ALVIN, F.; TOGNI, P. C. Sob o Véu dos Direitos Humanos: Tráfico, Tráfego e Políticas Públicas para a Imigração. Um Estudo de Caso sobre as Mulheres Brasileiras em Portugal. In: *Anais do 9 Seminário Internacional Fazendo Gênero*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010, pp. 01-10.
- ARTOLA, J. Migraciones y procesos de integración en América del Sur. In: TELLES, M. E.; PIÑEIRO, R. C. *Migraciones Internacionales: Crisis y Vulnerabilidades*. Tijuana, México, El Colegio de La Frontera Norte, 2014, pp. 357-384.
- BECKER, B. K. Fronteira e urbanização repensada. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, ano 47, n. 3/4, 1985, pp.315-476.
- BENAVIDES, G. *Mujeres Inmigrantes en Ecuador: Géneros y Derechos Humanos*. Quito, Ecuador, Universidad Andina Simón Bolívar, 2015.
- BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (orgs.) *Usos & Abusos da História Oral*. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2001, pp. 183-192.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. Introdução. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R.; BAINES, S. (orgs.), *Nacionalidade, etnicidade em fronteiras*. Brasília: Editora UnB, pp. 9-20.
- COSTA, G. V. L. A Feira Bras-Bol em Corumbá (MS): notas sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia. In: *Contemporânea*, v. 3, n. 2, jul-dez de 2013, pp. 467-489.
- EGHAREVBA, S. Rethinking the concept of prejudice: immigrants-knowledge-based analysis in Turku, Finland. In: *International Journal of the Sociology of Law*. V. 32, n. 3, 2004, 191-221.
- ESPÍRITO SANTO, A. L. *A comercialização de produtos agrícolas em Corumbá-MS: propostas para o fortalecimento da agricultura familiar e da feira livre*. Dissertação de Mestrado, Mestrado em estudos Fronteiriços, CPAN, UFMS, 2015.
- FERREIRA, F. L. *“Brechó Fronteiriço”*: a comercialização de roupas usadas nas Feiras Livres de Corumbá (BR). Dissertação de Mestrado, Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2015.
- FOUCHER, M. *Fronts et Frontières*. Paris, Fayard, 1991.
- GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; SZANTON-BLANC, C. From immigrant to transmigrant: theorizing. In *Anthropological Quarterly*, vol.68, n.1, p.48-63, jan.1995.
- JARDIM, D. F. Palestinos: as redefinições de fronteiras e cidadania. In: *Horizontes Antropológicos*, v. 09, n. 19, 2003, pp. 223-243.
- LESSER, C.; MOISÉ-LEEMAN, E. (2009), Informal Cross-Border Trade and Trade Facilitation Reform in Sub-Saharan Africa. In: *OECD Trade Policy Papers*, No. 86, OECD Publishing, Paris, 2009, pp. 02-55.
- MACHADO, I. J. R. Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento. O caso dos brasileiros em Portugal. In: *Ilha Revista de Antropologia*, 2005a, v. 07, n. 01-02, pp. 187-212.

- MACHADO, L. O. Estado, territorialidade e Redes. Cidades-Gêmeas na Zona de Fronteira Sul-Americana. In: *Continentes em Chamas*. Globalização e Território na América Latina. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005b, pp. 246-284.
- MINAYO, M. C.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? In: *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 09, n. 03, p. 239-262.
- OLIVEIRA, M. A. M. “O Mais Importante era a Raça”: Sírios e Libaneses na Política em Campo Grande, MS. Tese de Doutorado, F.F.L.C.H., USP, 2001.
- OLIVEIRA, M. A. M. Imigrantes em Região de Fronteira: uma condição infernal. In: OLIVEIRA, M. A. M. (org.). *Guerras e Imigrações*. Campo Grande, Editora da UFMS, 2004, pp. 189-203.
- OLIVEIRA, M. A. M. Tempo, Fronteira e Imigrante: um lugar e suas “inexistências”. In: OLIVEIRA, T. C. M. (org.). *Territórios sem Limites*. Campo Grande, Editora da UFMS, 2006, pp. 349-358.
- OLIVEIRA, M. A. M.; CAMPOS, D. L. Migrantes e Fronteira: lógicas subvertidas, vidas refeitas. In: PEREIRA, J. H. V; OLIVEIRA, M. A. M. (Orgs.). *Migração e Integração: resultados de pesquisas em Mato Grosso do Sul*. Dourados, Editora da UFGD, 2012, pp. 17-38.
- OLIVEIRA, M. A. M.; TRIDADE, V. E. Existe um jeito Brasileiro de Relacionar-se com Estrangeiros? In: JARDIM, D.; OLIVEIRA, M. A. M. (orgs.). *Os Árabes e suas Américas*. Campo Grande, Editora UFMS, 2007, pp. 263-274.
- OLIVEIRA, M. A. M.; RAMALHO JUNIOR, A. L. Proximidades e Estranhezas nas Relações Fronteiriças: Preconceito, Solidariedade e Imigrante. In: *Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos*, Porto Alegre, 2010, pp. 01-07. Disponível em www.agb.org.br/xvieng/anais/edp.php?orderBy=inscricoes.nome Acessado em 03 de julho de 2017.
- OLIVEIRA, T. C. M. *Uma Fronteira para o Por do Sol*. Campo Grande, Editora UFMS, 1998.
- QUIROZ, Y. S. Vulnerabilidad: un concepto para pensar las migraciones internacionales. In: TELLES, M. E.; PIÑEIRO, R. C. *Migraciones Internacionales: Crisis y Vulnerabilidades*. Tijuana, México, El Colegio de La Frontera Norte, 2014, pp. 385-416.
- SASAKI, E. M.; ASSIS, G. O. Teorias das Migrações Internacionais. In: *Anais do XII Encontro Nacional da ABEP*, Caxambu, 2000, pp. 01-19.
- SAYAD, A. *A Imigração: ou o Paradoxo da Alteridade*. Trad. de Cristina Murachco. São Paulo, Edusp, 1998.
- SEYFERTH, G. A Assimilação dos Imigrantes como Questão Nacional. In: *Mana*, v. 3, n. 01, 1993, pp. 95-131.
- SILVA, G. J. *A Presença Camba-Chiquitano na Fronteira Brasil-Bolívia (1938-1987)*. Tese de Doutorado. Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, 2009.
- SOKEN, D. S. *Brasil e Bolívia: a mulher como força de trabalho e o processo de acumulação capitalista na dinâmica do circuito comercial transfronteiriço*. Tese de Doutorado, F.F.L.C.H., Universidade de São Paulo, 2016.
- SOUCHAUD, S. *Pionniers Brasiéliens au Paraguay*. Paris, Karthala, 2002.
- SOUCHAUD, S.; BAENINGER, R. Collas e cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. In: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 25, n. 02, 2008, pp. 271-286.
- TECHIO, K. Imigrantes brasileiros não documentados: Uma análise comparativa entre Lisboa e Madri. In: *SOCIUS*, Lisboa, n. 01, ano 2016, pp. 01-32.
- TILLY, C. Transplanted Networks. In: YANS-Mc LAUGHLIN (ed.), Virginia, *Immigration Reconsidered*, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990, pp.79-95.
- TRUZZI, O. Redes em Processos Migratórios. In: *Tempo Social*, v. 20, n. 01, 2008, pp. 199-218.
- WEBER, M. *História Geral da Economia*. Trad. Calógeras Pajuaba. Editora Mestre Jou, São Paulo, 1968.